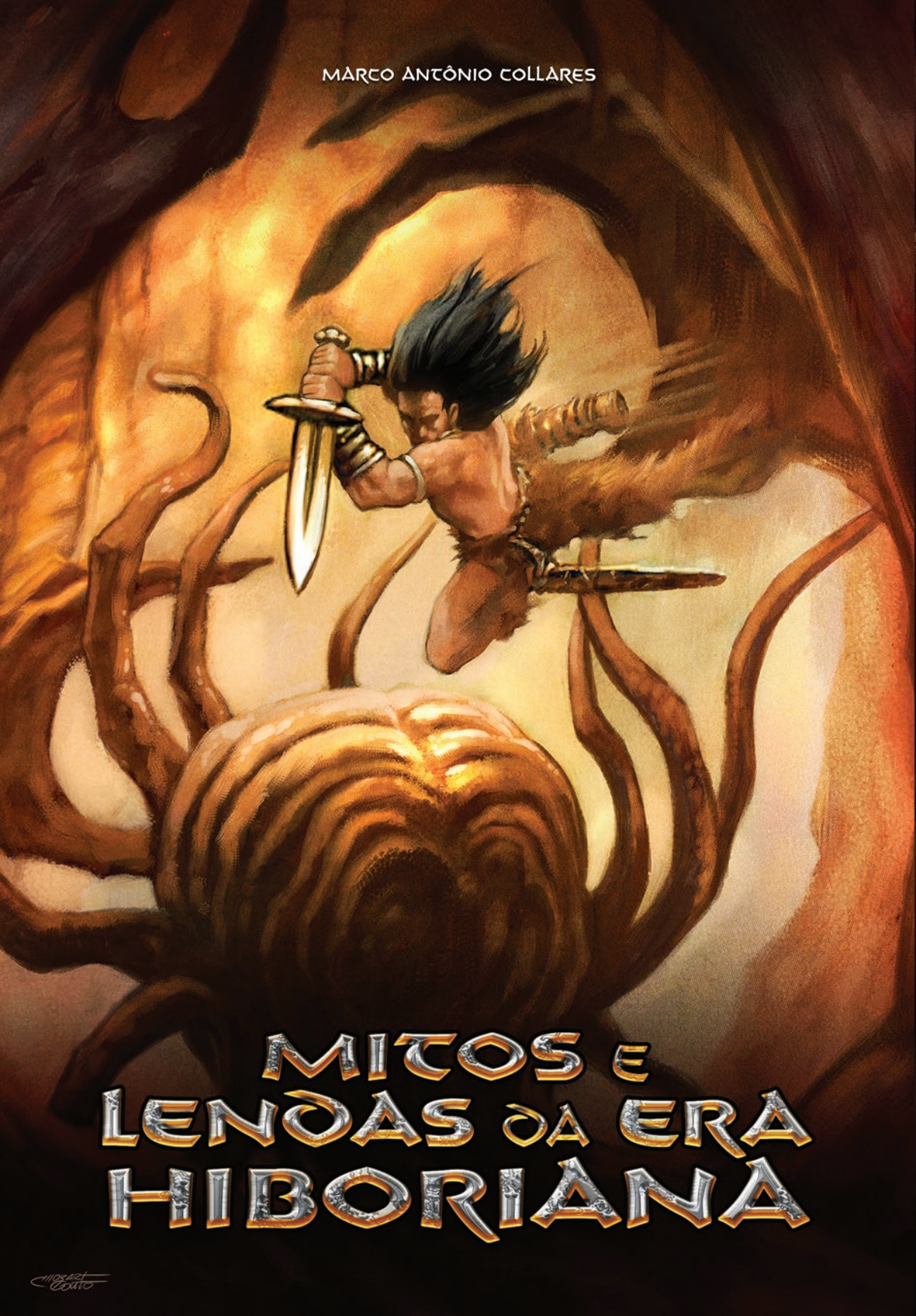


MARCO ANTÔNIO COLLARES



# MITOS E LENDAS DA ERA HIBORIANA





# MITOS E LENDAS DA ERA HIBORIANA



Copyright © 2023 por **Marco Antônio Correa Collares**

Todos os direitos reservados.

*Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão dos detentores do copyright.*

**Ilustração de capa:** Mozart Couto

**Texto:** Marco Antônio Correa Collares

**Revisão:** Jean Gabriel Álamo

**Amparo técnico:** Fernando Neeser de Aragão

**Projeto gráfico e diagramação:** Edgard David Rupel

**Design de capa:** Edgard David Rupel

**Apoio:** Denilson Carrareto e Juliano Barbosa

**Edição:** Marco Antônio Correa Collares

**Impressão e acabamento:** Idealiza Gráfica

**Produção:** Fórum Conan o Bárbaro, Explorando Segredos e Mistérios e Fantastic Hub



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Collares, Marco Antônio Correa  
Mitos e lendas da era Hiboriana / Marco Antônio  
Correa Collares ; [ilustração Mozart Couto]. --  
Pelotas, RS : Ed. do Autor, 2023.

ISBN 978-65-00-76385-0

1. Contos brasileiros I. Couto, Mozart.  
II. Título.

23-166687

CDD-B869.3

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

## AGRADECIMENTOS

Para esse livro ser realizado, diversas pessoas foram fundamentais e eu não poderia deixar de agradecer aos meus familiares: ao meu pai, Marco Antônio Loguercio Collares, à minha mãe, Leni Beatriz Correa Collares, à minha irmã Mariana, aos irmãos Jerônimo e Henrique e, claro, a sempre amiga, Gislaine Maria Maltzahn, mãe do meu filho. Sem esquecer, claro, do Otávio Augusto, meu guri — o cara que, desde que nasceu em 2012, é o meu melhor amigo.

Alguns outros agradecimentos, no entanto, se fazem necessários — algo que reiterarei na campanha do site Catarse:

Um agradecimento inicial para Fernando Neeser de Aragão, que muito me auxilia nas análises dos fatos e detalhes dos contos e na iniciativa de deixá-los mais fiéis ao cânone howardiano, já que ele que é um dos maiores experts na obra do texano em nosso país.

Um agradecimento especial, também, aos membros criadores do Fórum “Conan, o Bárbaro”, mais especificamente ao antigo membro fundador, Ronan Barros, e ao designer Edgard Rupel, que me incentivam na escrita de artigos e narrativas sobre Conan e outros personagens de Howard. O segundo, aliás, fez a diagramação desse livro, como também toda a parte visual do Fórum, incluindo a da nossa bem sucedida campanha de financiamento coletivo.

Não poderia deixar de agradecer, também, a Jean Gabriel Álamo, que revisa os contos e os analisa do ponto de vista literário — ele que publicou algumas das narrativas contidas nessa edição em sua Revista de Literatura Fantástica, além de escrever o prefácio dessa compilação de pastiches.

Digno de nota, também, e um agradecimento especial ao Explorador — que roteiriza e narra de forma exemplar os vídeos no canal “Explorando Segredos e Mistérios”, pesquisando sobre as mais ricas criaturas existentes da cultura pop e sobre os mitos ancestrais da humanidade, incluindo os horrores cósmicos de H. P. Lovecraft e a Era Hiboriana de Robert Howard.

Um agradecimento também, a todos os artistas que fizeram as lindas ilustrações para essa obra e que leram os contos ou mesmo as descrições de Conan de modo a criarem ilustrações fantásticas e algumas belíssimas cenas das respectivas narrativas. São eles: o genial Mozart Couto, Cayman Moreira, Fábio Ochoa, Bebeto Daroz, Antônio Carlos Almeida, Karolyne Rocha, Rafael Barbosa, Gio Guimarães, Domênico Gay, Alexandre Xanditz, Otoniel Oliveira, Rodney Buchemi, Eric Blake, Clayton Inlôco, dentre outros que fizeram artes a posteriori, as quais inserimos na obra.



Destaco, na campanha estendida, o apoio de Buchemi e de Mozart Couto — artistas e ilustradores profissionais da nona arte que fizeram novas ilustrações fantásticas, tanto para o livro, como para camisetas e para o boockplate que todos os apoiadores, tanto os da campanha original, como os da campanha estendida, receberam.

Um agradecimento mais do que especial ao editor Denilson Carraretto, da editora Clock Tower, pelo apoio em torno da campanha, organização da obra, dicas sobre orçamentos e todo o amparo técnico para a sua realização, além de Douglas Freitas, da Skript Editora, pela parceria na publicação de *Rei Kull* e *O Rebelde*, obras das quais fui coeditor ao lado dele.

Não posso deixar de mencionar aqui, também, o apoio de todos aqueles que contribuíram na campanha de financiamento coletivo, pois sem eles esse projeto não poderia ser realizado. Todos apostaram no escuro em uma obra de pastiches de um pretenso escritor em início de carreira. Espero ser digno desse apoio e agradeço de coração a todos. Como também agradeço a Robert Ervin Howard, o texano dos anos 1920/1930 que criou mundos fantásticos e narrativas viscerais, não apenas sobre o cimério Conan, mas também de tantos outros personagens incríveis e temerários. Sem esse grande escritor pulp, não haveria uma comunidade do porte do “Fórum Conan” e muito menos projetos dessa envergadura, que servem, acima de tudo, como uma homenagem à sua breve passagem por nosso mundo ordinário.

***Marco Antônio Collares***

## SUMÁRIO

<b>Prefácio</b>	<b>  6</b>
<b>Introdução</b>	<b>  8</b>
<b>O Prisioneiro Audaz</b>	<b>  14</b>
<b>Nas Ruínas Após a Estrada do Tempo</b>	<b>  60</b>
<b>O Poder Oculto sob a Montanha</b>	<b>  88</b>
<b>Inimigo Meu</b>	<b>  148</b>
<b>O Trono Vazio</b>	<b>  178</b>
<b>Considerações sobre os Contos</b>	<b>  234</b>
<b>EXTRAS</b>	
<b>Bastidores</b>	<b>  242</b>
<b>Cronologia de Vida de Conan</b>	<b>  245</b>
<b>Cartas de Howard</b>	<b>  259</b>
<b>Créditos das Ilustrações</b>	<b>  270</b>



## PREFÁCIO

Meu primeiro contato com Conan foi aos 7 anos, quando meu padrinho me presenteou com diversas histórias do personagem. E, tal como muitos fãs, eu conheci o cimério primeiro pelos quadrinhos; em seguida, vi com meu pai um de seus filmes preferidos, Conan: O Bárbaro, de 1982 e estrelado por Arnold Schwarzenegger, outra porta de entrada para boa parte daqueles que vêm a admirar os trabalhos originais.

Pois, tal como muitos, foi somente após consumir as duas mídias que eu fui ter contato com os escritos de Robert E. Howard, cujo nome certamente figura entre os maiores gênios da Literatura Fantástica. E pude comprovar que, tal como ocorre a qualquer autor com material frequentemente adaptado por outros autores, Howard raramente foi igualado. Este livro escrito por Marco Antonio Collares é a exceção, não a regra. Penso que nenhum outro autor, hoje, seria capaz de emular tão bem o trabalho de Howard, seja na estética e estilística, seja no desenvolvimento dos personagens e cenários nos quais se inserem, seja principalmente nos temas abordados. Portanto, o que você lerá aqui durante a maior parte do tempo se parecerá com algum texto inédito de Howard, pois se é improvável que um dia descubramos alguma história do Conan engavetada por aí, certamente podemos ao menos ter um pastiche da sensação que os leitores da *Weird Tales* tinham a cada vez que desbravavam as páginas escritas por aquele então desconhecido escritor texano.

A cada conto, Collares traz diferentes elementos do que fazem de Conan um personagem épico no pleno sentido do termo, trazendo ora histórias capazes de levar o leitor à introspecção, ora inventivas ao propor mesclas de elementos improváveis que fazem parte do cânone da Era Hiboriana, seja ao trazer para a Espada & Feitiçaria horrores no melhor estilo *lovecraftiano*, seja trazendo conceitos de Ficção Científica, como pode ser apreciado no clássico conto *A Torre do Elefante*, quando o cimério tem um inusitado encontro com uma inteligência extraterrestre.

Pastiches de Conan existem aos montes, carreguem eles ou não o nome do cimério. Porém, esta é a primeira vez que eu, como leitor que tem em Conan o personagem preferido da ficção, encontro algo à altura de Robert E. Howard.

Pude comprovar isso em primeira mão quando alguns de seus textos retratando o cimério foram submetidos à Revista Literatura Fantástica, onde sou editor-chefe, e que busca reavivar na Era Digital a literatura *pulp*, onde Conan nasceu. Como todos os demais que lá publicaram algum dia, teve três trabalhos rigidamente avaliados. Tratando-se de obras baseadas nos trabalhos de outro autor, esta cobrança foi especialmente pesada e aprovada com louvor.

Collares, autor desta coletânea, provavelmente é a pessoa que melhor entende o personagem e seu universo no Brasil. Especialista em Howard e inegavelmente



apaixonado pela sua produção literária, este livro que você tem em mãos certamente é o trabalho de um fã para outro fã, ajudando a perpetuar a memória de Conan e seu legado à literatura.

De um fã que leu em primeira mão estes textos escritos por um fã em primeira mão para outro fã, que é você, espero que possa se divertir com cada página deste livro fantástico.

A mim, coube a honra de abrir este livro com um prefácio que não poderia ser outra coisa senão elogioso. Aventure-se, cão, e descubra por você mesmo a razão em minhas palavras.

**Jean Gabriel Alamo**

# MITOS E LENDAS DA ERA HIBORIANA

*Por Fórum Conan, o Bárbaro e Explorando Segredos e Mistérios*

## Introdução

### OS 90 ANOS DO CIMÉRIO CONAN

No início de 1932, mais particularmente no mês de fevereiro daquele longínquo ano, o jovem Robert Howard (segundo relatos e cartas escritas por ele) viajou de ônibus até San Antônio, dirigindo-se ao Vale do Rio Grande, próximo à fronteira do Texas com o Velho México. Nessa região inóspita da divisa de seu estado natal, Howard teria encontrado um estrangeiro que lhe narrou sobre as torturas que presenciou no Oriente, quando centenas de homens foram decapitados em Pequim pelos integrantes do Partido Nacionalista Chinês, levando o escritor — mais uma vez em sua curta vida — a vislumbrar mentalmente a sina das civilizações humanas ao longo da história.

Um pouco mais tarde, em algum lugar do Vale do Rio Grande, passando por Mission, no Texas, Howard teria substituído seu boné de pano habitual por um enorme sombrero mexicano, entrando em algum estabelecimento qualquer para comer tortillas regadas a vinho espanhol quando, em uma espécie de transe criativo, ele teria concebido a figura de seu mais famoso personagem: Conan, o Cimério. O enunciado a seguir referenda essa pequena “epopeia” pessoal na fronteira do Texas, quando da criação do tão cultuado bárbaro cimério, sendo parte de uma carta enviada ao editor Farnsworth Wright, da revista *pulp* *Weird Tales*:

*Conan simplesmente surgiu em minha mente alguns anos atrás, quando eu estava fazendo uma parada numa pequena cidade fronteiriça na parte baixa do Rio Grande. Eu não o criei por nenhum processo consciente. Ele simplesmente surgiu do nada, totalmente desenvolvido, e me colocou para trabalhar registrando suas aventuras.*

Baseando o personagem em tipos sociais conhecidos por ele - os contrabandistas, rufiões, plataformistas de petróleo, jogadores, boxeadores e trabalhadores rústicos das fronteiras do Texas - e mesclando tais tipos sociais existentes a certos bárbaros oriundos da ficção literária e mesmo da historiografia, Howard teria imergido completamente nas narrativas do novo personagem, pelo menos nos quatro anos seguintes, ainda que ele não tenha se resumido a escrever sobre o cimério nesse período.

O homem Conan seria também uma espécie de amálgama de outras tantas criaturas howardianas, heróis temerários do porte do Rei Kull, da Valússia, do chefe picto, Bran Mak Morn, dos gaélicos Turlog Dubb O'Brien e Cormac Mac Art, bem como dos demais tipos rústicos idealizados pelo escritor em outros textos pulps de sua autoria, incluindo um certo Cormac FitzGeoffrey, cruzado irlandês- dinamarquês de algumas narrativas de ficção histórica. A carta elencada a seguir, igualmente assinada por Howard, é representativa de como ele mesmo vislumbrava seu novo bárbaro:

*Conan nasceu alguns anos atrás em meu subconsciente, quando eu fiz uma parada em uma pequena cidade fronteira de Rio Grande. É simplesmente uma combinação de homens plurais que conheci e eu acho que é por isso que ele se tornou um golpe para mim quando eu embarquei no ato de escrever sua saga. Algum mecanismo de meu subconsciente tomou as características dominantes de vários homens armados do oeste do meu país, homens rústicos dos campos petrolíferos, certos jogadores profissionais e muitos trabalhadores honestos com quem estou em constante contato. Um amálgama que produziu aquele a quem chamo de Conan, o Cimério.*

Howard tornou o cimério uma de suas principais atrações literárias, construindo em torno dele toda uma mística representada em cartas e relatos de próprio punho, como se o personagem externasse aspectos obscuros de seu próprio subconsciente, expressando igualmente a mescla entre todos os homens selvagens, bárbaros cruéis e rústicos das fronteiras históricas ou mesmo ficcionais que o autor tão bem conhecia e/ou cultuava.

O texano representou o ato criativo em torno de Conan como se não existisse sequer labor intelectual de sua parte, como se o cimério fosse a expressão de uma espécie de insight espontâneo a representar tudo o que ele, Howard, sonhara em um dia ser e/ou mesmo escrever. Em outra missiva, de 1933, enviada ao amigo de correspondências e também escritor pulp, Clark Ashton Smith, o criador do cimério esboça sua grande admiração pela criatura. Vejamos tais linhas:

*Eu sei que estava há meses absolutamente estéril de ideias, totalmente incapaz de trabalhar em qualquer coisa vendável. Então o homem Conan pareceu crescer subitamente em minha mente, sem que eu precisasse empreender muito trabalho, e, de imediato, uma torrente de histórias fluiu da pena — ou melhor, da máquina de escrever —, quase sem esforço de minha parte. Não parecia que eu estivesse criando, antes relatando eventos ocorridos de fato. Episódio coroa episódio tão rapidamente que eu mal podia acompanhar seu ritmo. Por semanas, nada fiz a não ser narrar aventuras de Conan. O personagem se apossou da minha mente e, na maneira de narrar os contos, atropelou tudo mais. Quando*



*eu deliberadamente tentava dirigir a escrita a algum outro lugar, não conseguia.*

A própria Novalyne Price, amiga e namorada do autor entre os anos de 1934 e 1935, afirmou que o cimério preencheu a maior parte da escrita de Howard nos anos seguintes à sua criação, explicando ainda que o texano somente começou a se distanciar do personagem por volta de finais de 1935, alguns meses antes de sua morte, fato esse igualmente reiterado pelo estudioso contemporâneo, Patrice Louinet, na afirmação de que o “autor exauriu todas as suas ideias em torno do bárbaro cimério nos momentos finais de sua breve vida”.

Ainda assim, Conan tornou-se o arquétipo de vários outros personagens do escritor texano, possuindo muitos traços e aspectos encontrados nos mesmos, ainda que suas especificidades sejam igualmente marcantes, destacando-se sua Era Hiboriana — o ambiente ficcional ricamente elaborado por trás de suas muitas aventuras — além de traços de uma personalidade complexa, não monocromática ou mesmo não-unidimensional. Um homem ao mesmo tempo astuto e brutal, selvagem e retilíneo, nobre e “malandro”, hedonista e estoico, melancólico e alegre.

Importante destacar, no entanto, que a barbárie de Conan seria considerada por Howard — pelo menos nos enunciados de algumas de suas cartas — muito mais forte e presente do que em qualquer traço rústico ou selvagem dos chamados homens da fronteira do oeste dos EUA ou mesmo do Texas, ainda que Howard se utilizasse desses personagens folclóricos e históricos do Oeste como alguns de seus parâmetros para suas criações literárias.

Em uma outra carta, enviada ao famoso escritor do horror cósmico, H.P. Lovecraft, também datada do ano de 1933, Howard teceu uma afirmação bastante pontual a esse respeito, especificando a diferença entre o tipo de bárbaro que seria Conan em comparação com os rústicos homens da fronteira do Oeste dos EUA, do sudoeste do país e do Texas em particular. Segue o enunciado howardiano ao qual me refiro:

*Devo repetir que não é minha intenção idealizar as condições da barbárie — e aqui nota-se que não falo da fronteira americana, mas dos gauleses e dos godos. O homem americano da fronteira não era um bárbaro, ele era simplesmente um tipo altamente especializado. Minha concepção da barbárie, particularmente, não resplandece.*

O “não resplandece” ao final do enunciado parece sugerir uma visão nada idealizada da barbárie, o que por si somente já configura um viés pretensamente realista para essa condição, algo reiterado pelo texano em sua literatura, mesmo naquelas de natureza estranha e fantástica. Em uma outra missiva ainda mais cultuada, Howard deixou entendido que Conan seria um bárbaro no sentido máximo de sua potência

sanguinolenta, e, mais ainda, que a ideia de barbárie defendida por ele não seria nada próxima da concepção idealizada do “Bom Selvagem” da filosofia naturalista do iluminista Jean Jaques Rousseau. Algo que pode ser sintetizado nas palavras do próprio criador de Conan referente a esse tema:

*Não tenho a visão idílica do bárbaro — até onde pude aprender, trata-se de uma condição sombria, sangrenta, feroz, impiedosa. Não tenho a paciência para a representação de um bárbaro de qualquer raça como uma criança cheia de dignidade, feita à imagem de Deus na natureza, dotada de uma estranha sabedoria e falando frases sonoras e bem enunciadas.*

Nada de idealização, portanto, de um bárbaro ou mesmo de alguém a viver o modo de ser da barbárie em alguma selva inóspita imaculada, tal como observamos em Tarzan, de Edgard Rice Burroughs, por exemplo. O fato concreto é que, nos quatro anos seguintes após 1932, o bárbaro Conan se tornou um personagem bastante rentável e o segundo preferido da *Weird Tales*, onde seus contos eram veiculados. No gosto dos leitores da revista, em termos de popularidade na seção de cartas da *Weird Tales*, Conan estava próximo do detetive do ocultismo, Jules de Grandin, do renomado escritor Seabury Quinn.

O conto “A Fênix na Espada” foi a primeira narrativa do cimério, publicada provavelmente em dezembro de 1932, uma espécie de reciclagem ou antropofagia literária de um conto anterior do Kull, intitulado de “Por Esse Machado Eu Governo!”. Em razão da ausência de elementos bizarros e sobrenaturais na respectiva aventura do rei bárbaro da Valúsia, o referido conto não foi aceito para publicação, levando Howard a inserir o ocultismo e o sobrenatural no primeiro texto do bárbaro cimério, concebendo vida à sua mais famosa e impactante criação.

Depois vieram outros tantos contos incríveis, hoje icônicos na cultura pop e entre os membros do fandom do personagem, destacando-se alguns bastante cultuados por críticos e fãs. Entre eles, deve-se incluir: “A Rainha da Costa Negra”, onde Howard nos apresenta a incrível e sensual pirata Bêlit; “A Torre do Elefante”, onde vislumbramos a raça do homem elefante, Yag-Kosha; “Além do Rio Negro”, que muito mais parece um faroeste na Era Hiboriana do que qualquer conto genérico de fantasia; “Pregos Vermelhos”, que trata de uma rivalidade entre dois povos, sendo baseado em uma rixa de sangue ocorrida na cidade de Lincoln, no Novo México, além de tantos outros textos howardianos dos Ciclos de Conan, consolidando o personagem na cultura das pulps e no gosto de seus leitores.

Nos anos 1950/1960, já passados alguns anos da morte do texano (ocorrida em 11 de junho de 1936), com as publicações dos contos originais em livros de capa de brochura pelas editoras Gnome Press e depois pela Lancer Books — ao lado de novas narrativas e pastiches do personagem, escritos por autores do porte de Lyon

Sprague de Camp e Lin Carter — Conan se tornou um nome famoso na literatura de fantasia da época, tornando Howard um dos autores preferidos entre importantes expoentes da ficção fantástica, figurando entre nomes do porte de Michael Moorcock e Fritz Leiber, responsáveis por nomear o subgênero da Espada e Feitiçaria em 1961.

No final dos anos 1960 e início da década seguinte, Conan entrou de vez na cultura nerd ou pop, sendo veiculado na Marvel Comics, tanto nas histórias em quadrinhos coloridas de “Conan, The Barbarian”, em formato comics, como na revista em formato magazine em preto e branco, intitulada de “The Savage Sword of Conan”, estando essa última publicação fora dos limites do dito código de ética das grandes editoras dos EUA da época (comic code), algo que cerceava as narrativas dos super-heróis da Marvel e da DC Comics, impedindo cenas mais viscerais de violência, sexo e nudez.

Nesse movimento impactante, artistas e quadrinistas fantásticos do porte de Roy Thomas, John Buscema, Alfredo Alcalá, Barry Windsor-Smith e outros tantos foram apenas alguns talentos a elevar as narrativas do personagem cimério na nona arte, algumas vezes adaptando de forma magistral os contos originais howardianos, tornando-os ainda mais conhecidos entre o público.

O próximo passo então seria o cinema, com o famoso e cultuado filme, “Conan The Barbarian”, de 1982, estrelado por Arnold Schwarzenegger e Sandahl Bergman, com parte do roteiro e direção do cineasta da contracultura, John Millius. O filme mudou sobremaneira a personalidade de Conan, apesar de possuir, segundo seu diretor e roteirista, elementos tipicamente howardianos.

Conan se tornou no filme um sujeito mais calado e sisudo, mantendo-se, no entanto, elementos howardianos típicos na trama, tais como a violência crua e brutal, bem como a ambientação suja e perigosa da Era Hiboriana, inserindo igualmente na obra um tema de vingança, deveras incomum ao personagem na literatura, bem como o famoso enigma do aço, que tinha muito mais relação com o modo de pensar do próprio Millius do que com a visão de Howard sobre o guerreiro cimério.

O fato é que o filme teve boa resposta de parte da crítica e público, gerando o movimento conhecido da conanmania, muito forte nos anos 1980, com uma leva de filmes de fantasia dos mais variados (muitos dos quais com baixos orçamentos) e toda uma estética de homens musculosos nos filmes de ação hollywoodianos da época, na esteira também da era de ouro do fisiculturismo e da ascensão das bandas de heavy metal melódicas ou mesmo de power metal, cada vez mais presentes na cultura pop.

O tempo passou e Conan igualmente continuou sua trajetória nas mídias para além da literatura original, saindo da Marvel para ser publicado pela editora Dark Horse, deixando de ter filmes de grandes orçamentos por um bom tempo, ficando restrito a desenhos animados e a uma série em live action, ambas de gostos questionáveis, com



baixos orçamentos e muito aquém do que seria algo de qualidade sobre o ambiente ficcional do personagem.

Hoje em dia, as novas gerações não conhecem tanto o personagem bárbaro de Howard, muito cultuado ainda entre um público mais velho, com mais de 40 anos de modo geral, exatamente o público que cresceu com as boas memórias do Conan de Arnold ou mesmo com as tramas do cimério nos quadrinhos clássicos da Casa das Ideias.

O filme, Conan The Barbarian, de 2011, estrelado por Jason Momoa, não foi bem recebido pelo público em geral, muito menos pelos fãs do cimério. A própria crítica especializada de cinema foi severa com o resultado final, ficando Conan restrito, muitas vezes, a algumas boas fases nos quadrinhos ou a determinados games digitais, ainda que a força do bárbaro musculoso e desnudo (uma espécie de estereótipo criado em torno de sua figura) tenha continuado forte nos jogos de RPG de fantasia, tanto os de mesa quanto os digitais (incluindo em board games ou jogos cooperativos de tabuleiro).

Hoje em dia, Conan não está tanto em evidência como nos distantes anos 1980 e nós, do “Fórum, Conan o Bárbaro” e do canal “Explorando Segredos e Mistérios”, procuramos movimentar o fandom para que, tanto o público quanto os produtores e empresas que detêm os direitos da marca do personagem, possam ajudar na veiculação de novas narrativas intermediáticas, com a devida qualidade.

Os estudos sobre o personagem e sobre a obra de Howard se intensificaram nos últimos anos e o fato de muitos dos escritos do texano terem entrado em Domínio Público em determinados países (incluindo o Brasil) levou a novas produções independentes, ainda que não conseguindo levar o personagem para grandes contingentes de público. Esperamos que isso mude e que Conan possa voltar a reinar não apenas sobre a Aquilônia, mas também entre o grande público de modo geral. Ele bem que merece!

Que venham, portanto, mais 90 anos regados a novas produções midiáticas e que o personagem possa continuar sendo cultuado por todas as gerações, mantendo seus traços mais verdadeiros e honestos: sua honra pessoal, sua temeridade diante do sobrenatural ou mesmo da corrupção civilizada, sua objetividade e seu senso pessoal de justiça, não linear e muito menos bidimensional, na típica esteira da luta do bem contra o mal. E que Crom possa sempre respaldar novas e clássicas narrativas do bárbaro cimério.

Se não, então, que ele vá para o inferno!!

**Marco Antônio Collares**

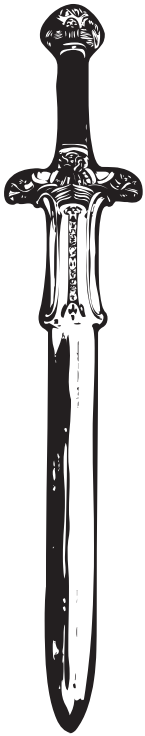
*Mestre Escriba de “Civilização e Barbárie em Conan”,  
Escrutor dos contos de Conan do livro “Mitos e Lendas da Era Hiboriana”,  
Escriba do Fórum Conan o Bárbaro*



**Um conto do cimério Conan**

*Escrito por*

**Marco Antonio Collares**



O PRISIONEIRO  
**AUDAZ**

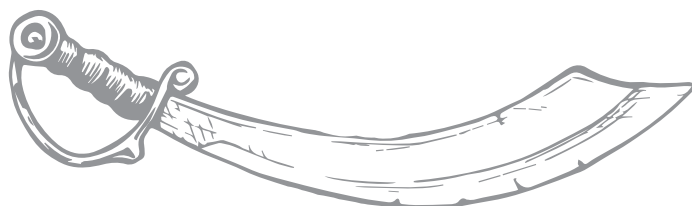
A decorative graphic of a chain, consisting of several interlocking links, positioned below the title 'AUDAZ'.

*Inspirado no personagem criado por*

**Robert E. Howard**

*Asgalun da Pedra Antiga e da Pedra Rara;  
Filha da fronteira Oeste;  
Próxima ao Mar Profundo;  
Onde outrora foi uma grandiosa princesa;  
É hoje herdeira do submundo.*

**Cântico de Rinaldo sobre Asgalun de Shem**



O jovem Aradegi esperou no pórtico de Asgalun pela volta da estranha comitiva. Desobedecendo seus progenitores, ele escapara logo após o desjejum matinal, ao primeiro raiar da aurora, esgueirando-se para longe dos olhos do pai e se arrastando pelos becos sujos semiabandonados que, nos tempos de outrora, receberam renomados mercadores.

Aradegi e Asgalun tinham pelo menos uma coisa em comum. Ambos pareciam meras sombras de algo aparentemente incoerente. O rapaz, apesar de muito jovem, parecia um adulto de meia-idade com cabelos desgrenhados e pele ressecada ao sol por conta do extenuante trabalho na oficina do pai, vestindo comumente uma capa surrada por cima da túnica. A cidade, apesar de suas colunas imponentes de pedra maciça, seus altos minaretes sinuosos, castelos rígidos, zigurates e afrescos pelas sólidas paredes e altares exuberantes de cobre, obsidiana e marfim, parecia muito mais uma ruína abandonada do que a pretensa capital do oeste do reino de Shem.

“Vale a pena a surra que irei levar do pai”, pensou Aradegi. Não tinha como mudar seu ímpeto e curiosidade. Isso porque ele tinha sido conquistado pela visão dos membros da comitiva de mercenários, principalmente a bela guerreira loira vinda do Norte, Alexia. Além disso, o rapaz estava curioso com a difícil demanda do grupo.

Ele ficou sabendo, como quase todos na cidade, que o Rei Salmanaser II pagaria uma quantia vultosa para qualquer caçador de recompensas que capturasse um guerreiro famoso, um homem que havia liderado os nômades zuagires em outros tempos.

Aradegi tinha como personalidade a latente curiosidade, mas os acontecimentos em torno da caça ao homem não saíam de sua cabeça desde que vislumbrou a comitiva. Seria a oportunidade de ver a queda do bárbaro conhecido pela alcunha de Amra.

Nas frequentadas tavernas e esquinas sinuosas da cidade, muitos homens comentavam sobre a pretensão do rei no episódio. Fazia tempos que a realeza de Asgalun pretendia uma união com os senhores das cidades-estado do Leste, principalmente com a poderosa Shushan. À boca pequena, dizia-se que Salmanaser II pretendia iniciar negociações com seus irmãos nobiliários mediante um prêmio: o prisioneiro famoso ainda vivo, um homem deveras procurado pelas constantes pilhagens bem-sucedidas no Leste.

O certo é que Aradegi esperou por todo o dia para ter notícias da caçada, em uma espera um tanto nervosa e angustiante. Ao cair da noite, finalmente a comitiva retornou, quase como uma procissão macabra de assassinos e rufiões.

Ao saírem à caça, eles contabilizavam em torno de vinte homens de armas arrogantes e bem equipados com ferro e aço. No retorno, eram apenas oito, dois dos quais bastante feridos e com ares de empáfia, visualmente combalidos.

Lá estava o líder mercenário, o nemédio Marcius, a cavalo, munido de placas de aço sobre o peito largo e um elmo imponente dourado com um penacho vermelho por cima. Ao seu lado, o brutal kushita-pontainiano, Raxorianus, vergando sua longa lança negra, próxima à cor da pele grossa moreno-escuro, no entorno de um conjunto hermético de músculos sólidos. Logo atrás, encontrava-se um dos filhos mais conhecidos de Asgalun, o guerreiro Harlan, com sua barba negra azulada, cabelos longos presos na nuca e sua cimitarra famosa, “Corta Cabeças”.

Do lado oposto a eles, apenas Alexia.

O jovem Aradegi não conseguia desviar os olhos de sua figura desde que a garota chegara à cidade junto à comitiva. Ele nunca vira mulher tão formosa e selvagem ao mesmo tempo, ainda mais se tratando de uma criatura civilizada vinda do pequeno reino hiboriano da Britúnia, localizado mais a nordeste do continente.

Diziam os mais velhos, aliás, que a mistura de diversas raças fazia das britunianas as mulheres mais exóticas e lindas do continente, com curvas





voluptuosas e rostos aquilinos, olhos levemente puxados, verdes ou azulados, pele morena e cabelos loiros como novelos divinos de seda.

De um lado desta mistura exótica, a raça dos antigos pastores zhemris, do pequeno reino de Zamora, com indivíduos de coloração mais escura e olhos negros misteriosos e penetrantes; do outro, a hiboriana, raça hegemônica do Oeste Continental, com indivíduos com cabelos claros e olhos cinzentos, pele alva e altura elevada.

Certamente que Aradegi não sabia nada das outras mulheres daquela raça híbrida, mas tinha certeza que Alexia era exatamente assim, ainda que ela vergasse uma couraça de malha de anéis de aço como proteção; tendo como outras características seu ar estoico, gestos imponentes e uma bela espada cravejada de joias esmeraldinas no punho.

Sem dúvida nenhuma que Alexia era a figura mais exuberante entre os guerreiros ali, e o rapaz não duvidava que ela venceria quase todos em combate, desde que de forma honrada e sem subterfúgios. Por um breve momento, a beleza e a grandeza de espírito da mulher retiveram o olhar do jovem, até que ele finalmente vislumbrou Amra.



Cercado pelos mercenários, estava o bárbaro, na carroça, preso a grilhões pelos pulsos em um poste de madeira ao centro. Apesar dos ferimentos pelo corpo, o homem estava acordado, vislumbrando a multidão em volta com olhar selvagem de pantera, como se aquele azul cristalino dos olhos fosse a imensidão do ermo em meio a um céu límpido de gerações de bárbaros ensandecidos em suas vagas de ferro e fogo.

Amra, à exceção da ilharga protegida por panos, estava nu, com ferimentos que incomodariam a maior parte dos homens civilizados. Seus músculos eram uma massa contraída definida e riscada que externava o quanto as melhores estátuas de mármore de deuses eram meros reflexos de divindades. A pele bronzeada dava uma conotação ainda mais selvagem, ilustrando cicatrizes grossas no tronco poderoso e no rosto felino. Acima da fronte marcada e da testa larga, uma juba negra completava a imponente figura, como a de uma besta imemorial pronta para o bote final sobre suas presas.

Era nítido o quanto sua figura roubou o olhar de todos em Ashalun. Ninguém dizia qualquer palavra; apenas olhavam com estupefação diante daquela figura central semidivina, cercada pelos mortais mercenários. Ficava evidente também que, à exceção de Alexia, os outros guerreiros se mantinham afastados da carroça do bárbaro, como se tivessem um temor inconsciente em suas almas.

Foi exatamente este o sentimento de Aradegi quando a comitiva passou por ele, parado numa esquina, rosto boquiaberto como um espectador do destino de deuses estrangeiros. Seguindo os caçadores e sua presa pelas ruas de pedra fosca da cidade, o jovem logo se viu diante do muro da casa que servia de abrigo para os integrantes da comitiva.

Os mercenários foram descendo de suas montarias na entrada da residência, cercados pelos curiosos que se mantinham por perto, sem quaisquer preocupações em esconder suas latentes curiosidades. Marcius, sem se preocupar com a população em volta, foi o primeiro a descer da montaria, na iminência de adentrar o portão que dava para o jardim em frente à casa, seguido por seus companheiros mercenários mais próximos, Roxarianus e Harlan, que também desceram dos cavalos com seus pertences, armas e provisões.

— Vamos rápido, seus abutres. Algum de vocês, envie uma mensagem ao rei e diga que capturamos o bárbaro! — falou o nemédio Marcius, líder do grupo, de modo geral, deixando a entender que algum dos presentes deveria obedecer de pronto às suas ordens um tanto displicentes.

— Não há necessidade, meu caro. Eu irei pessoalmente avisar Vossa Alteza do êxito de sua jornada. — Ao lado do muro da casa, parado em pé, próximo do pórtico de entrada, uma figura esguia, com traços de hiena, respondeu subitamente, surpreendendo a todos e saindo das sombras logo depois que parte do grupo de mercenários adentrou o jardim. Ele era um shemita do leste, comumente chamado de Mahalahin, o Esguio, sendo o principal homem de confiança do rei local.

— Ah, é você, conselheiro. Escondido da vista como um rato — respondeu Alexia, descendo também de seu alazão de forma abrupta e igualmente adentrando no pórtico de entrada, com uma altivez incomum para uma mulher brituniana, pelo menos de acordo com o senso comum.

— Bem, eu estava aguardando suas chegadas a mando de meu senhor. Vou até ele imediatamente, e, pela manhã, retorno com a remuneração prometida e com as ordens a serem obedecidas — respondeu Mahalahin em um cochicho, olhos fixos na moça e um estranho sorriso malicioso nos lábios.

— Que seja — respondeu Marcus. — Até lá, o homem chamado Amra estará sob nossa autoridade.

— Pelo que vejo, ele foi uma caça insossa, visto o baixo número de sobreviventes — provocou Mahalahin, novamente, com ar de ironia.

— Fomos mais do que suficientes, hiena do deserto — interpelou o kushita Haxorianus, irritado pelo comentário sobre seus bravos companheiros mortos em batalha.

— Isso era esperado, emissário. O bárbaro é conhecido por sua valentia e aptidão no manejo da espada. Ele eliminou doze dos nossos antes de ser subjugado por nossas habilidades superiores. — A resposta de Marcus foi aparentemente dirigida ao shemita, mas seu olhar se fixou no homem chamado Amra, numa autoafirmação desconcertante. O bárbaro sorriu levemente de volta, sem desviar o olhar.

— Habilidades superiores. Sei. Eu servindo de isca e o kushita, ao lado de uns dez arqueiros shemitas, usando venenos de lótus nas flechas para subjugar um homem já ferido. Mesmo assim, esse mesmo homem eliminou sozinho quase todos no grupo antes de cair em torpor — ironizou Alexia, sorriso voltado para Marcus, sem qualquer subterfúgio.

— Que seja. Volte ao seu rei, Mahalahin, e informe do sucesso da caçada. Amanhã, esperamos nossa recompensa. — Essa foi a resposta de Marcus para